

## LUNFARDO, VESRE E OUTRAS MODALIDADES DO LINGUAJAR ARGENTINO

Maria Consuelo de Azevedo

Já se tem falado várias vezes no Lunfardo. O que vem a ser realmente o Lunfardo? No *Dicionário Caldas Aulete* há o registro: "diz respeito à gatunice ou à gíria dos gatunos; calão dos gatunos, gíria argentina."

Zélio dos Santos Jota, no *Dicionário de Lingüística*, diz o seguinte: "lunfardo — gíria argentina, misto de caló com vários dialetos italianos. Características do lunfardo: emprego da palavra com inversão de sílabas (*daví* por *vida*) e a repetição, no fim de uma frase, da palavra ou palavras que a iniciam: Não quero mesmo isto, não quero". O termo *caló* a que se refere Jota é um dialeto dos ciganos da Espanha.

Ángel Mazzei escreve, no trabalho *El español de la República Argentina*, incluído no livro de Guillermo Díaz-Plaja, publicado em 1968: "es urgente la necesidad de preparar un *Diccionario de Argentinismos*", isso pela maneira de usarem o *vos* com o verbo na 2ª pessoa do singular, e acentuado (*vós sabés*); pelo lunfardo, pelo vocabulário, pelas pronúncias e pelas gírias.

A gíria, como todos sabem, é um conjunto de expressões populares, não registradas nos dicionários, por tratar-se de uma maneira de falar de gente comum, e também porque tende a sofrer modificações com o passar dos tempos. Mas, como diz M. Rodrigues Lapa, há a gíria chamada de *calão*, usada entre os viciados, os presos, o pessoal das casernas, etc., e há a "gíria propriamente dita, que não passa de uma forma exagerada da linguagem familiar". Essa é usada pelos escritores modernos, ouve-se muito entre os personagens de novelas, como: "tô nessa", "saquei, bicho", "ele pintou por aqui", e muitas outras.

Antigamente os escritores menosprezavam a gíria. Hoje, porém, tudo mudou, principalmente quando se trata de uma gíria como a da Argentina, que merece um estudo cuidadoso, pois é muito difícil compreender uma língua toda deturpada, que mais parece o nosso gaderipoluty...

José Gobello publicou um *Diccionario Lunfardo* (completado com a linguagem popular, o vesre, a linguagem generalizada, a linguagem elevada, a grosseira e os termos antigos e modernos). Essa obra teve 4 edições: 1975, 1977, 1978 e 1982, satisfazendo assim a proposição de Ángel Mazzei, de 1968.

O lunfardo é um linguajar místico, trazido para Buenos Aires pelos trabalhadores de navios europeus, no fim do século XIX. De lunfardo vêm várias formas: lunfa (também usado em português com o significado de *ladrão*), lunfaria e lunfardesco. Diz Gobello a respeito: "... el lunfardo no fue, en su origen, un lenguaje secreto, sino una forma lúdica o festiva del habla popular de Buenos Aires."

Lunfardo vem do italiano Lombardo, natural da Lombardia. Popularmente, independente do lunfardo, criaram um certo modo de falar ao que chamam "hablar al vesre", isto é, "hablar al revés", falar ao contrário. Conforme José Gobello, essa troca não pertence ao lunfardo.

No livro *Viaje a la Argentina*, Eduardo Aunos se refere a esse modo de falar: "En oposición a tal asalto de la chabacanería, que llegó incluso en alas de una impertinencia ridícula a la tendencia de decir las palabras al revés, o sea, invirtiendo las letras, cuando no adoptando giros rebuscados, el sedimento del señorío bonaerense hubo de defenderse creando un concepto estrecho y erguido de la elegancia, de la conducta y los modales, e imponiendo determinadas restricciones al uso de vocablos adoptados preferentemente por la turba de forasteros."

O livro *Artigas*, de M. Blanca Paris e Querandy Cabrera Piñón, traz um capítulo que trata de "La Redota" (El Exodo), emigração conhecida pelo Êxodo do Povo Oriental, e sobre isso escreve Carlos Anaya: "Fué una operación muy amarga — dejando casi desierta aquella campaña alguns pueblos pudieron tocarse — que por un equívoco muy particular clasificaron los paisanos como la 'redota', por decir otra cosa". Mais adiante, em nota sobre a mesma palavra: "Redota (derrota) es a la vez, el camino, la huída y el estar vencidos, comprende en su significación la amargura, la contrariedad, la

impotencia, el sacrificio; menta, pues, el exacto estado en que se hallaban los orientales. Es por otra parte una palabra rústica y expresivamente criolla, analfabeta y gaucha; es una expresión única, propia, para designar un hecho que no tiene iguales." pág. 61, capítulo VI. Chega-se à conclusão de que a troca de sílabas se estende por toda a parte gaúcha.

Para entender-se a letra de um tango típico argentino, há necessidade de recorrer-se ao dicionário lunfardo. Nunca se encontra a palavra *cumparsa*, de onde veio o conhecidíssimo tango *la cumparsita*. É que a palavra é lunfarda, e significa comparsa. Do italiano meridional *cumpàrza*."

*Pavura* — esta palavra significa medo, como na Espanha, mas segundo Gobello, veio do italiano *paúra*. "... cuando uno aprecia una cosa, siempre tiene pavura que se la pierda..." Dallegri, Santiago, *El alma del suburbio*, Montevideo, 1912. A palavra *pavura* é lunfarda, e no sul do Brasil usa-se *paúra* com o mesmo significado.

O popular *pebeta*, que também não consta nos dicionários, quer dizer *pequena*, é uma variação de *pibe*, *pequeno*. Do tango *Melodía de Arrabal*, de Le Pera:

"... en la cortada mistonga  
mientras que una *pebeta*  
linda como una flor..."

As palavras *cortada* (leng. gen.) e *mistonga* (lunfarda), significam, respectivamente, pequena rua, e humilde. *Mistonga* é formada de *mishio* com o sufixo *ongo*, tendo um *t* no meio, devido à influência de *misto*.

Outro exemplo de *pebeta*, no tango "Arrabalero", de Eduardo Calvo, com música de Osvaldo Fresedo, 1927:

"Soy la *pebeta* más rechiflada  
que en el suburbio  
pasó la vida"

*Chinchibirra* (esp. pop.) — eis uma palavra cujo significado é bebida gasosa. Aqui no Ceará usou-se antigamente uma bebida chamada gengibirra ou jengibirra. Tanto a argentina como a nossa veio do inglês gingerbeer, que é bebida feita do gengibre (em inglês o nome está dizendo: cerveja do gengibre).

O nome do instrumento *bandoneón* não provém do lunfardo, é linguagem generalizada. Seu criador foi Heinrich

Band, no ano de 1835, daí a sua denominação. Band era fabricante de acordeão na cidade de Krefeld (Alemanha).

*Parola* vem do lunfardo e significa palavra: "... y ese no las va con parolas de disionário, ché." Palermo, Juan Francisco — "El Amuro" (1911) — *En Nuestro Teatro*, livro publicado em 1913.

Há muitas palavras do lunfardo usadas somente na Argentina: *bacán* — concubinário: "Es la *mina* (mujer) de un lunfardo, que en combinaci6n con su *bacán* (hombre) se finge enferma para atraer otarios." Lugones, Benigno B. — "Los beduinos urbanos" — *La Naci6n*, Buenos Aires, 18-3-1879.

"Ayer te ví pasar  
con aires de bacán  
en una voituret copera"

Esta é a letra de um tango cujo título é *Pato*, da linguagem popular argentina, pobretão, que não possui nada; *voituret* — tipo de carruagem, linguagem generalizada, vem do francês *voiturette*, e *copera*, popularmente quer dizer luxuosa. Foi esse tango gravado em 1928 por Pilar Arcos, com música e letra de Ramón Collazo. Outro exemplo onde se vê a mesma palavra *bacán*: "Preparate a *filar* aquel otario / que parece *bacán* de mucho *vento*" ... *El Legado del tío* (anônimo). O verbo *filar*, e a palavra *vento*, vêm do lunfardo, e significam, respectivamente, sair e dinheiro.

Foi graças ao tango que o lunfardo teve entrada na sociedade portenha. Antes, o tango era proibido, como o lunfardo, por ser indecente entre famílias. Mas depois que o tango mereceu destaque, o lunfardo começou a aparecer nas letras e na linguagem do povo.

O Tango — na linguagem generalizada é uma dança popular do Rio da Prata. Apareceu na sexta década do século XIX, definida, a princípio, em compasso de 2 por 4, até à segunda década do século XX, e de 4 por 8, depois. A canção popular surgiu no fim do século XIX, quando se escreveram letras para serem cantadas. Na segunda década do século XX Pascual Contursi começou a escrever as suas letras. Não se deve esquecer que o maior representante do tango argentino foi o inesquecível Gardel, cujo cinqüentenário de morte ocorreu este ano. Carlos Gardel deixou o tango quando morreu, em 1935, morrendo também com ele o melhor desse gênero musical.

No próprio tango há a forma do chamado *vesre*. É um modo de falar peculiar do portenho. Consiste em inverter a ordem das sílabas, e é chamada "hablar al revés", que se transforma em *vesre*. Há diversas formas para formar-se o *vesre*. A forma vétrica consiste em:

1) transposição sucessiva das sílabas: *colo* (loco); *choma* (macho); *dorima* (marido);

2) transposição das sílabas, convertendo as palavras graves em agudas ou vice-versa: *camba* (bacán); *chacán* (cancha); *tapún* (punta); *tombo* (botón); *chogán* (gancho);

3) transposição das sílabas finais em uma palavra, transformando-a completamente: *ajoba* (abajo); *congomi* (conmigo);

4) transposição da última sílaba, que fica no começo, deixando as outras estáveis: *jotraba* (trabajo); *tacuaren* (cuarenta); *naesqui* (esquina);

5) Troca das letras de uma maneira que modifica o modo de escrever: *telangive* (vigilante) que, na forma vétrica, deveria ser *telangivi*;

6) transposição direta e sucessiva das sílabas de trás para diante, com a perda de uma consoante: *ortiba* (batidor), que, no caso, deveria ser *dortiba*, para não perder o *d*;

7) transposição com acréscimo: *colimba* (milico), que deveria ser *colimi*, dando-se a mudança da sílaba final, com o acréscimo do *ba*;

8) transposição com ruptura de ditongo e aumento de sílabas: *jaevi* (vieja), que deveria ser, no *vesre*, *javie*; *taerpu* (puerta), no caso, *tapuer*; *teermu* (muerte), que deveria ser *temuer*, no *vesre*;

9) transposição com perda de letra ou sílaba: *yolipar* (apoyar) e *yompa* (pabeyón), em ambos alternam com *ayolipar* e *beyompa*, respectivamente;

10) transposição com mais letras: *tegenaite* (gente) que deveria ser somente *tegén*;

11) anagrama: dá-se o anagrama modificando completamente a palavra: *celma* (almacén); *codemi* (médico); *sempio* (pensión); *viorsi* (servicio); *yoruga* (uruguayo), *yoyega* (galego). Observe-se que em alguns exemplos faltam letras, e, no último, há a predominância da pronúncia;

12) no caso de verbos, a transposição acontece com a adição de letras e perda de consoantes: *garpar* (pagar), que de-

veria ser, de acordo com a forma vétrica, *garpa*; *jerquear* (co-ger) e não, *jerco*, como deveria ser no vesre; *namicar* (caminar), alternando com *narmica*;

13) derivação — *bramaje* (hembraje) de *brame*, forma vétrica de hembra; *chagarear* (*garchar*; forma vétrica de *garcha*, que é *chagar*; *ortibar* (batir), de *ortiba*, forma vétrica de batidor;

14) pluralização da forma vétrica singular: *viongas* (gaviones), que deveria ser *nesviogas*, fazendo também a letra e;

15) aumentativo ou diminutivo da forma vétrica do positivo: *choma* (forma vétrica de macho): *chomazo* ou *machazo* e *chomita*; *tegobito* (bigote), formado sobre *tegobi*.

Em uma antiga gravação de “Media Luz”, cantada por Pilar Arcos, há a seguinte passagem: “... viejos tangos de mi flor / un *tangó* de porcelana...”

Depois de muito rebuscar, chegamos à conclusão de que a palavra *tangó* é a forma vétrica de *gatón*...

Alguns exemplos de palavras de forma vétrica na música:

“Y aunque soy arrabalero/más que el farol de Pompeya/ ni soy guapo ni lancero / ni me tuerzo pa un *gotán*”. Linyera, Dante A. (Francisco Bautista Rimoli) — *Semos hermanos! Poesías arrabaleras*, 1928.

“Celedonio chupándose el toco del último jotraba”, González Tuñón, *Tangos*. Há, neste exemplo, o verbo *chupar*, popularmente significa *beber*; *toco*, no lunfardo é o produto de um roubo, e finalmente, a forma vétrica de *trabajo*, que é *jotraba*.

“La *naesqui* en un desvelo polenta / empavona el chumbo del recuerdo”. Centeya, Julián — “La *musa mistonga* — *Tangos*.”

São inúmeras as transformações na língua espanhola argentina. Como diz José Gobello, fez-se preciso um dicionário com palavras usadas somente em Buenos Aires, e não registradas nos dicionários comuns. Se não nos chegasse uma explicação como fez José Gobello, como iríamos saber o significado de *tegobi*, *gotán*, *jotraba* ou *zabeca*? (bigote, tango, trabajo e cabeça). Convém lembrar o grande José Hernández, que em sua obra-prima *Martín Fierro* nos mostra muito do linguajar vétrico, como *redotao* (derrotado) *redamar* (derrear) e outros citados pelo próprio Gobello: *abaraje* — *ataje*; *abombarse* — *aturdirse*; *cuja* — *cama*; *guasca* — *tira de*

cuero; pilcha — prenda. Todos esses exemplos são retirados da linguagem gauchesca e do espanhol popular argentino.

Na apresentação do dicionário de lunfardo, José Gobello faz uma referência aos seguintes termos:

“Julguei útil estabelecer os níveis lingüísticos em que se empregam principalmente os termos aqui apresentados, então destaquei:

“lenguaje elevado” (exclusivo da aristocracia) —

“lenguaje general” (a linguagem corrente) —

“popularmente” (tanto usada na linguagem popular, como na boa sociedade)

“lunfardo” (linguagem trazida pela imigração e introduzida na linguagem de Buenos Aires)

“delictivo” (pode ser lunfardo ou não, como ocorre com a “de la vida airada”).

Para facilitar o estudo dos interessados, oferecemos um pequeno glossário onde constam somente as palavras lunfardas, e outro, com os demais termos, estes, seguidos de exemplos.

#### PEQUENO GLOSSÁRIO DE PALAVRAS LUNFARDAS CONTIDAS NO DICIONÁRIO DE JOSÉ GOBELLO

Afnaf — por partes iguais; bissexual, que se comporta como heterossexual e como homossexual. Da gíria *afnaf*, que vem do inglês *half and half*

Agrampar — reter, tomar. Do italiano *aggrappare*

Amurar — empenhar

Apoliyar — dormir

Atenti — Cuidado! Do italiano *attento (-i)*

Atro que — mais que

Babi — bigode. Do italiano *baffi*

Batifondo — alvoroço, vozerio

Biaba — salteamento perpetrado com violência (de *beava*, de vários dialetos italianos)

Biyuya — dinheiro. Do piemontês *begieuia*, gravado

Bobo — relógio. Do italiano *bobo, bogo, bovo*

Bochín — boliche. Do italiano *boccino*

Briyo — diamante. Da gíria italiana *brillo*

Brodo — do italiano *brodo (ir al brodo — arruinar-se; mandar al brodo — defraudar)*

Bruyir — queimar. Do genovês *bruxâ*

- Busarda — Boca. Do italiano *bugiarda* — mentirosa e *luzarda* — estômago, e do genovês *buzzo*
- Bute — excelente, ótimo. Do caló *de buten*
- Buyón — comida. Do genovês *buggio*
- Cachar — tomar. Do italiano *cazar*
- Cafña — homem rústico. Do italiano meridional *cafône*
- Capelo — chapéu. Do italiano *capello*
- Capo — chefe, o cabeça. Do italiano *capo*
- Contamusa — mentiroso. Do genovês *contamosse*
- Cualunque — qualquer. Do italiano *cualunque*
- Cucuza — cabeça. Do italiano meridional *cucuzza*
- Cucha — covil de cães. Do italiano *cuccia*
- Cufa — cárcere. Do genovês *côffa*
- Chafo — agente de polícia. Do italiano *ciaffo*
- Chamuyar — conversar. Do caló *chamullar*
- Chica — rapé. Do italiano *cicca*
- Chicato — míope. Do italiano *accecato*
- Chivato — delator. Do caló *chivato*
- Deschavar — abrir uma fechadura. Do genovês *descchiavâ*
- Esparar — colaborar com o punquista distraindo a vítima. Da gíria italiana *sparâ el tir*: avisar
- espiantar — escapar, fugir
- esquena — espádua. Do genovês *schenn-a*.
- Esquiafo — bofetão. Do italiano *schiaffo*
- Funyi — chapéu. Da gíria italiana *fungo*
- Furbo — astuto. Da gíria italiana *furbo*
- Gamba — perna. No português popular deu *gâmbia*
- Garrotear — romper o anel do relógio mediante os dedos polegar e indicador para levá-lo
- Gil — tonto, tolo. Do espanhol *gill* e do caló *jil*
- Grilo — bolso lateral da calça. Da gíria italiana *grillet*
- Guadañar — ganhar. Do italiano *guadagnare*
- Güifaro — italiano. De origem incerta. Há também a forma *güifano*
- Linyera — jornaleiro que, no fim do século passado e começo do presente, chegava da Itália ou da Espanha para trabalhar nas colheitas e voltava à sua terra. Do piemontês usado na gíria: *lingèra*
- Mancar — fracassar um roubo ao ser descoberto o ladrão. Em português temos a gíria "dar mancada"
- Manco — nada, de nenhuma maneira. Do italiano *manco*. Aparece com freqüência *manco dilo*, pelo emprego da forma italiana *manco dirlo*

- Mango — peso, unidade monetária. Do provincianismo português *mango*, que era o antigo *mil réis*. Usado entre nós como dinheiro
- Marosca — na interjeição *La Marosca!* — expressa assombro. Eufemismo de *La Madonna*, confrontando com o vêneto *Madosca*
- Minga — não, nada. Do quêchua *mink'a*: ação de alugar. No espanhol da língua generalizada, comércio entre colonos.
- Mishio — pobre. Em português temos, popularmente, e no Sul do Brasil, *mixe*, de pouco valor, insignificante.
- Mufa — mal humor, má disposição. Do vêneto *star muffo* (melancólico) e este, do italiano *muffa*, mofo.
- Pibe — menino. Do genovês *pivetto*, e da gíria italiana *pivello*.
- Pichibirlo — pequeno, de pouca idade. Talvez do diamontês *picirlo*
- Ragutín — comida. Do genovês *ragò*, carne assada aromatizada.
- Sotala — bolso interior do casaco. Da gíria italiana, na expressão *sotto ala*, debaixo do braço.
- Sotamanga — parte inferior da manga. Do italiano *sottomanica*.
- Tasca — bolsinho, saquinho costurado nos vestidos para guardar coisas de uso. Do italiano *tasca*.
- Urmo — na expressão “mandar al urmo”, do jogo de *padrone y soto* (*patrón y soto*), deixar sem beber o vinho posto em jogo. Do siciliano *urmu*, sem sentido reto.
- Yacumina — casaco, vestimenta de homem, com mangas e saias. Do italiano *giacchetta*, com interferência do genovês *giacõmin*.
- Yeta — influência maléfica. Do italiano meridional *jettatura*.
- Yetatore — pessoa a que se atribui o poder de influir maleficamente sobre os outros. Do italiano *jettatóre*.

#### PEQUENO GLOSSÁRIO DE TERMOS USADOS NA ARGENTINA COM ALGUNS PEQUENOS EXEMPLOS

- Biscuit — (leng. elev.) — mulher formosa, leve, sensual: “... una señora muy decente y muy aseadita, y tan delicada, pobre, un biscuit...” Denevi, Marco — *Hierba del cielo*, 1973.
- Cancha — (leng. gen.) — espaço onde jogam; pátio, hipódromo ou arena. “No sentirá el potrillo mucho frío en can-

- cha?" — Preguntó Medina." Fabricio, León — *El hipódromo*.
- Golibriyo — (pop.) — meio louco: "... vós sabés que piensa / en el hijo malo, medio colibriyo, a quien siempre espera." Linyera, Dante A. (Francisco Bautista Rimoli) — *Semos hermanos! (Poesías arrabaleras, 1928)*.
- Cortada — (leng.gen.) — rua muito estreita e sem saída. Do espanhol *cortar*, interromper: "en la cortada mistonga..." Le Pera, Alfredo, do tango *Melodía de Arrabal, 1933*.
- Milonga — (leng.gen.) — mulher da rua, bailarina: "Por eso la milonga es la payada pueblera. Son versos octosílabos, que se recitan con cierta tonada no desagradable matizada con intervenciones adecuadas de guitarra..." "Rossi, Vicente — *Cosas de Negros, 1926*.
- Mula (pop) — engano: "... o el catálogo de los derviches es una mula o ellos no se conocen todavía..." Marechal, Leopoldo — *Megafón o la Guerra, 1970*.
- Mus — (pop) — não, nada — "Mus de hábito, sus leones mintongueros / un funghi marca embudo..." Fernández, Felipe H. — (Yacare) — *Versos rantifusos, 1916*.
- Paica — Percanta, Catriela, Feba — (pop.) — todas significam mulher, moça: "Yo a la mina le bato paica, feba, catriela, / percanta, cosa, piba." Fernández, Felipe H (Yacare) *Versos rantifusos, 1916*.
- Rechiflar (se) — (pop) — Perder o juízo por uma pessoa ou por uma coisa: "Rechiflado en mi tristeza, te evoco y veo que has sido / en mi pobre vida paria sólo una buena mujer..." Flores, Celedonio Esteban — *Tango Mano a Mano, Chapaleando barro, 1929*.
- Sabiola — (pop) — cabeça — "De la sabiola todo se me pianta", Centeya, Julián (Amleto Vergiati) — *La musa mistonga, 1964*.
- Taita (pop) — homem valente: "soy el taita más ladino fechinero y compadrito..." Manco, Silverio — *Echále Bufach al Catre! 1907*.
- Va cha cher — (ou va cha che) — certa deformação que imita a linguagem infantil: "qué vas a hacer" (Que vais fazer).
- Voltear (leng.delict.) — roubar numa casa, com ou sem violência: "Había sido un jotraba de escruche, voltear la casa del doctor Achával Reta" — Centeya, Julián (Amleto Vergiati) — *El Vacadero, 1971*.